



UM ESTUDO SEMÂNTICO-LEXICAL DA PALAVRA VESGO NAS LÍNGUAS GUARANI – CASTELHANO – PORTUGUÊS

Diana Pacheco de Souza

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Lilian Paredes Moreno

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

RESUMO

Graças à riqueza e dinamismo das línguas, elas podem mudar de significado segundo o seu contexto e assim ampliar as possibilidades comunicativas dos seus falantes. Falar de léxico, hoje em dia, é adentrar em um universo de possibilidades infinitas, mas que com estudos específicos é possível mapear a variabilidade e medir sua produtividade. Neste artigo, pretende-se fazer um estudo do léxico como objeto de investigação para uma análise sociodialetal do item lexical Vesgo ou / "ohecha mokõiva/ persona que tiene ojos torcidos", que faz parte do Questionário Semântico-Lexical do Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR). Trata-se de uma abordagem descritiva bibliográfica em função de uma metodologia pluridimensional do próprio Atlas, que tem por objetivo a elaboração de um estudo semântico lexical do termo mencionado com a análise de 6 cartas linguísticas, para visualização da variação diagenacional, diastrática e diagenérica do item analisado. O estudo foi feito sobre as denominações apresentadas nos idiomas guarani, castelhano e português, para determinar as características de cada item lexical, graças ao contato entre línguas de três países vizinhos: Paraguai, Argentina e Brasil. A análise dos dados visa determinar e classificar se as diferentes denominações podem ser consideradas tabus linguísticos, posto que tentamos entender a visão de mundo que esses falantes têm com o uso de cada código independentemente.

Palavras-chave: Dialetoлогия. Atlas linguístico. Descrição. Léxico.

RESUMEN

Gracias a la riqueza y al dinamismo de las lenguas, ellas pueden cambiar de significado según su contexto y así ampliar las posibilidades comunicativas de sus hablantes. Hablar del léxico hoy en día, es adentrarse a un universo de posibilidades infinitas, pero que con estudios específicos es posible mapear la variabilidad y medir su productividad. En este artículo, se pretende hacer un estudio del léxico como objeto de estudio para un análisis sociodialetal del léxico Vesgo o / "ohecha mokõiva / persona que tiene ojos torcidos", que forma parte del Cuestionario Semántico-Lexical, del Atlas Lingüístico Guarani Románico (ALGR). Se trata de un abordaje descriptivo bibliográfico en función de una metodología pluridimensional del propio Atlas, y que tiene por objetivo la elaboración de un estudio semántico -léxico del término mencionado, con el análisis de 6 cartas, para la visualización de la variación diagenacional, diastrática y diasexual, del término analizado. El estudio se realizó en denominaciones presentadas en los idiomas guaraní, español y portugués, para determinar las características en el significado de cada elemento, gracias al contacto entre lenguas de tres países vecinos, el Paraguay, la Argentina y Brasil. El resultado del trabajo apunta a determinar y clasificar si las diferentes denominaciones pudieran considerarse tabúes lingüísticos; puesto que tratamos de entender la visión de mundo que estos hablantes tienen con el uso de cada código independentemente.

Palabras clave: Dialetoлогия. Atlas linguístico. Descripción. Léxico.



Diana Pacheco de Souza é mestranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem.

E-mail: profdianasouza@gmail.com

Lilian Paredes Moreno é mestranda no Programa de Pós-Graduação de Estudos de Linguagem.

E-mail: paredesmorenolily@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Já no início do século XIX, Saussure descrevia a arbitrariedade do signo linguístico, tentando nada mais que nomear uma característica muito comum das línguas pelo fato de elas serem flexíveis, maleáveis e adaptáveis ao contexto e a seus falantes, gerando diversas denominações para um só objeto. Essa variabilidade não só acontece entre línguas pertencentes a distintas famílias linguísticas, mas também pode acontecer dentro de uma mesma língua histórica na qual podem existir variantes ou denominações que enriquecem a linguagem.

Essa riqueza lexical, seja de uma língua ou de várias línguas, nem sempre converge entre seus significados e seus falantes. Muitas vezes, os dialetos determinam um lugar ou pertencem a uma determinada zona geográfica, fazendo com que denominações de certos objetos recebam nomeações e significados variáveis de um grupo de falantes para outro, a depender do espaço geográfico em que eles habitam. Outros fatores também podem condicionar distintos usos linguísticos, tais como a idade do falante, o sexo, a escolaridade, dentre outros. Da mesma maneira, interpretam Isquerdo e Nunes (2012, p. 219) quando afirmam que “[...] na tenção entre língua, sociedade e cultura, é gerado o léxico, nível linguístico que melhor retrata aspecto da realidade dos falantes de uma língua, visto que é a partir dele que os indivíduos nomeiam os seres e objetos que estão ao seu redor”.

Com este artigo, fruto de finalização de disciplina, pretende-se estabelecer um estudo de caráter semântico-lexical da palavra “vesgo”, procurando entender as diversas denominações que se ocupam em três línguas: duas pertencentes à uma mesma família linguística, o Latim (Castelhano e Português), e uma que pertence à família Tupi-guarani (Guarani Yopará).

O estudo em questão também tem como objetivo classificar as diferentes denominações que possam ser consideradas tabus linguísticos, por remeterem ou a superstições ou a outras crenças sociais. Considerando-se, pois, que certas escolhas lexicais dos falantes demonstram características de um código em uso, o estoque vocabular pode mostrar as percepções de mundo desses falantes, como também a orientação religiosa, seus hábitos culturais e suas crenças, e quaisquer deles causadores de tabus linguísticos, ou, como Isquerdo define:

Podemos dizer que uma palavra se torna tabu quando, em um determinado grupo de falantes, é relacionada a credices e a superstições e, por isso, evitada para não provocar constrangimentos, maus presságios, daí a utilização de recurso das substituições, sobretudo, de diferentes figuras de linguagem, dentre as quais o eufemismo e a metonímia (ISQUERDO; NUNES, 2012, p. 220).

Por sua vez, Guérios (1979, p. 11) classifica os tabus linguísticos em próprios e impróprios: o primeiro refere-se à proibição de dizer certo nome ou certa palavra, aos quais se atribui poder sobrenatural e cuja infração causa infelicidade ou desgraça, é mágico-religioso ou de crença. O segundo tipo refere-se à proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira, é, portanto, moral ou de sentimento.

É com base nesta última definição de Guérios (1979) que buscaremos quais denominações podem ser consideradas tabus linguísticos, referentes à palavra “vesgo” nas



três línguas em análise, assim como investigar se alguma dessas denominações se refere a qualquer expressão grosseira ou que carregue conotação pejorativa.

1 ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA ZONA GUARANÍTICA

Toma-se como base para coleta de dados deste trabalho e, conseqüente, análise, o Atlas Linguístico Guaraní Românico (ALGR) de Harald Thun, em parceria com Wolf Dietrich e Almidio Aquino, publicado em 2009 e que é o segundo da “trilogia rio-platense”, da qual também fazem parte o ADDU (Atlas linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay) e o ALMA-H (Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch) (ALTENHOFEN, 2017, p. 02).

Esse Atlas nasce com o objetivo de documentar o bilinguismo guarani-castelhano que existe no Paraguai e em algumas regiões da Argentina, assim como também o bilinguismo guarani-castelhano-português em algumas regiões do Brasil. O ALGR é o primeiro atlas linguístico baseado em uma língua de origem ameríndia e coloca o guarani como centro de estudo pelo seu intenso contato linguístico, caracterizado como “o guarani românico”, como postula-se no título do atlas.

O interesse pelo guarani foi devido à situação linguística e cultural do Paraguai, que é particular e única na América latina, fato que se origina em dois momentos, segundo os autores. No primeiro momento, é caracterizado pela pouca influência dos colonos espanhóis e europeus, o que ajudou a conservar o guarani entre os indígenas. O segundo momento acontece graças às “reduções jesuíticas”, que contribuíam também para a conservação do guarani, que era a única língua usada nas reduções.

Depois da expulsão dos jesuítas pelos colonos, os indígenas começaram a se dispersar e a se estabelecerem em distintos

lugares. Ainda hoje, alguns desses estabelecimentos encontram-se no Paraguai, em algumas regiões do Brasil e em parte de Misiones, província argentina. Esses lugares foram alvos da coleta de dados do ALGR, precisamente porque, hoje em dia, a língua guarani falada pelos indígenas que se assentaram na margem do Rio Paraná, seja no Paraguai, no Brasil ou na província da Argentina, não se difere muito.

Essa situação de contato linguístico entre as três línguas faz com que surjam dialetos e denominações para certos termos em guarani, que podem variar dependendo de com quais línguas está convivendo. Além disso, esse contato pode levar a empréstimos linguísticos, ou seja, denominações vindas de uma língua estrangeira a qual nos apropriamos. Este, porém, trata-se de um assunto para outro artigo.

2 OBJETIVOS E METODOLOGIA

Este trabalho discute uma pequena parte dos resultados de pesquisa desenvolvida por Thun, Dietrich e Aquino para a elaboração do ALGR. Em termos da natureza dos dados e dos objetivos, o ALGR pertence à categoria dos atlas sociolinguísticos, ou seja, integra também a categoria de atlas de sociologia das línguas, conforme expresso na introdução do próprio atlas.

O ALGR, segundo se tem conhecimento, “é o primeiro do gênero, na história da linguística e da sociolinguística, que se ocupa com uma língua de origem indígena” (ALTENHOFEN, 2017, p. 2). Além disso, leva-se em conta “a amplitude da área em estudo (transnacional), a inclusão de diferentes dimensões sociais sobre a base diatópica, ou seja, seu caráter pluridimensional, a consideração dos contatos linguísticos e das percepções dos fatos linguísticos pelos falantes (dimensões dialingual, e diarreferencial)” (ALTENHOFEN, 2017); a consideração da topo dinâmica da



variação linguística (das línguas em movimento no espaço, isto é, das migrações); enfim, o tratamento interdisciplinar, por força de tudo isso.

Nesse sentido, para a elaboração do Atlas, os pesquisadores se apoiaram em duas metodologias: a tradicional, que consiste em um enfoque mais teórico, deixando de lado a realidade linguística da época e da região onde foram feitas as entrevistas. O foco, a partir dessa metodologia, é apenas o saber linguístico de alguns falantes anciãos habitantes das áreas rurais, pois se considerava que estes eram os que supostamente conservavam as formas fônicas e léxicas mais antigas da sua região (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. III-IV).

Por sua vez, com a metodologia pluridimensional, tem-se uma missão de alcance mais ampla, buscando registrar a variação linguística nas regiões do Rio La Plata, que hoje em dia ocupa a maior parte do Paraguai moderno, e também as que se limitam com o Brasil e com a Argentina, porque se busca verificar o bilinguismo Guaranicastelhano e o bilinguismo Guaraniportuguês. Com a Geolinguística moderna, incorporam-se ainda os avanços da Sociolinguística, que procura documentar uma realidade linguística mais completa incluindo todos os tipos de falantes de todas as gerações, homens e mulheres de todos os níveis socioculturais, incluindo os migrantes.

Como a elaboração do atlas foi direcionada pela língua guarani, todas as entrevistas foram feitas nessa língua e, conseqüentemente, foram entrevistados apenas aqueles que a dominavam. Com um total de 400 perguntas básicas, muitas com subcategorias e variantes semânticas em guarani, castelhano e português, o questionário segue a metodologia de sugestão sistemática, ou seja, após as tentativas de respostas espontâneas não serem certas, são sugeridas aos informantes outras

formas registradas em outras localidades para que comentem, confirmem ou neguem.

Dentro do ALGR existem cinco tipos de mapas, mas, segundo a natureza da nossa pergunta, só se abrangem três deles, os mapas que fazem referência à pergunta em questão: fenotípicos, que “simplificam radicalmente a realidade linguística de um lugar pela redução dos quatro grupos de informantes a um só” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. XIII); com este tipo de mapa se valoriza, pelo menos, um informante que conhece o lexema x. (● para a presença do fenótipo em questão, ○ para sua ausência); mapas de co-ocorrência seletiva, que opõem uso, preferência ou significado de lexemas mais ou menos sinônimos. E por último está o mapa de co-ocorrência total, que permite uma visão global de quatro lexemas ou tipos de lexemas, indicando todas as combinações possíveis de respostas positivas.

Diante da metodologia do objeto de estudo deste trabalho, abordaremos uma metodologia descritiva bibliográfica, pela qual analisaremos o mapa 22 da pergunta 26: *ohecha mokõiva/ persona que tiene ojos torcidos*. Com um total de 9 mapas, a seqüência da leitura será, primeiramente, dos termos em guarani, em segundo lugar, dos termos em castelhano e por último, em português. Neles se encontram variantes como *bizco*, *sakarẽ bisojo*, *hesavã*, entre outras. O objetivo é analisar as unidades lexicais para tal pergunta nas línguas guarani, castelhano e português, verificando se as denominações trazem traços de tabus linguísticos, ao passo que observamos a forma de uso de cada variante, dependendo da região em que se encontra.

3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

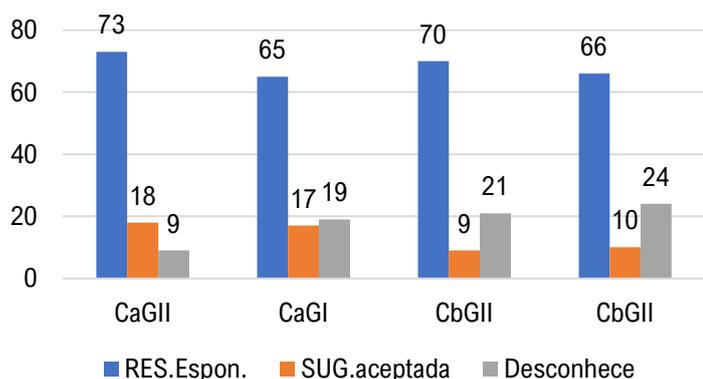
Segundo o mapa 22.1 (ver anexos) das respostas fornecidas para a pergunta 26 do questionário do ALGR, *Ohecha*



*mokõiva/persona que tiene ojos torcidos*¹, a denominação com maior recorrência foi o termo *hesavã* (*vizco*), cuja produtividade e repostas espontâneas (●) foi maior no território paraguaio, com 73%, tanto na classe sociocultural alta quanto na classe baixa, entre os jovens e a geração de anciãos. Porém, observa-se ausência de respostas de 24% (○) em grande parte de Corrientes, do Chaco e do Brasil. Isso, segundo os pesquisadores, talvez se deva ao fato de que a palavra em questão foi pouco difundida nesses lugares (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. VI), o que podemos ver no gráfico 1:

Gráfico 1

Distribuição dos grupos estandar



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

No mapa 22.2, de co-ocorrência seletiva, há um estudo de outras possibilidades de termos em guarani, além da palavra *hesavã*, vista no mapa citado anteriormente. Essas denominações são: *visko* – *sakarẽ* – *hesavi* – *hesavã*. Segundo as análises feitas pelos próprios autores do atlas, “[...] para muitos informantes *Visko* é palavra guarani, e para outros também é termo castelhano” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. 152), o que nos faz

compreender a interferência entre uma língua e outra, produto do contato linguístico.

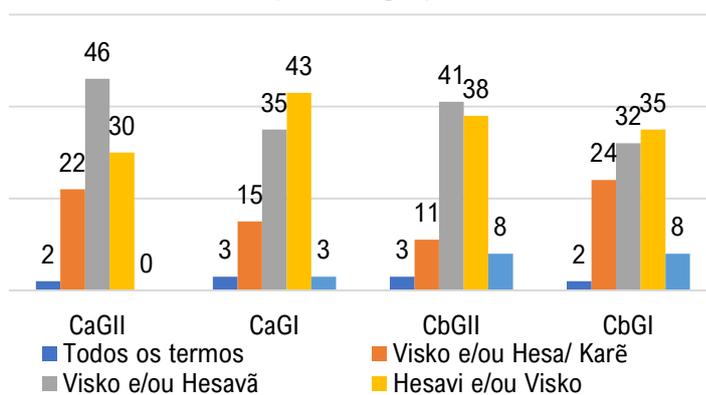
Além disso, há outros termos tradicionais em guarani que são menos usuais, como por exemplo *hesa karẽ*, *sakarẽ*. Estas são palavras pouco frequentes no centro do Paraguai e muito usuais em Corrientes, Chaco e Formosa, assim também como se pode achar em partes do Mato Grosso do Sul, regiões fronteiriças com o Paraguai, como podemos ver pelas frequências no gráfico 2 (parte inferior direita desta página).

Partindo para o conjunto de mapas fenotípicos, denominados 22.3a, 22.3b, 22.3c e 22.3d, analisaremos a ocorrência das denominações em guarani nas três regiões. No mapa 22.3a observa-se a palavra *hesavã* com uma ocorrência total de 77%, cuja maior parte encontra-se no Paraguai e em alguns lugares de Corrientes (Argentina) e muito pouco no Brasil.

O segundo mapa fenotípico, 22.3b, detalha a ocorrência da palavra *hesakarẽ*, 33%. O termo é pouco conhecido na região do Paraguai e geralmente presente nos pontos indígenas. Porém, na região de fronteira entre

Gráfico 2

Distribuição dos grupos estandar



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

¹ “Pessoa que tem os olhos tortos” (Tradução das autoras).



o Paraguai e o Brasil se torna mais reconhecido.

O mapa seguinte, o 22.3c, mostra a ocorrência da palavra *vísko*, com um total de 88% dos dados obtidos de 75 lugares. Tal denominação é a mais conhecida nas três regiões segundo os próprios pesquisadores, talvez porque o termo tem bastante influência do hispanismo, apesar de que para alguns informantes a lexia conhecida em guarani é *vísko*, desconhecendo a origem histórica real da palavra. Por outro lado, “este termo é rejeitado particularmente pelos informantes indígenas” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. 156).

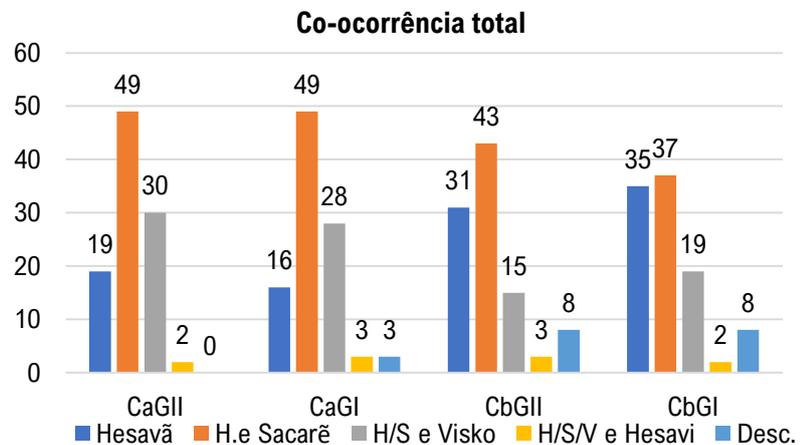
Por fim, no mapa 22.3d observa-se uma ocorrência de 69% da palavra *hesavi*, tornando-se a segunda denominação mais frequente depois de *vísko* nas regiões do Paraguai, parte fronteira da Argentina e do Brasil. O termo *hesavi* é aceitado pela maioria dos grupos e pela maioria dos indígenas, uma vez que o que se vê é uma ausência de 31% apenas: “[...] se rejeita em partes de Corrientes, do Chaco, de Misiones e fronteira do Brasil” (AQUINO; THUN; DIETRICH, 2009, p. 157).

Fechando o estudo dos termos em guarani, com o mapa 22.4 de co-ocorrência total, observamos que se mostra a incidência das quatro denominações, tomando em conta as classes sócio cultural alta (Ca) e baixa (Cb) dos grupos de informantes mais velhos (GII) e dos jovens (GI). Apareceram com maior recorrência as denominações *hesavã* e *sakarẽ*, com um total de 49% na CaGII. Ademais, apenas 2% dos participantes conhecem as quatro palavras.

Segundo os dados fornecidos, os informantes CaGII e CbGII reconhecem mais as palavras *hesavã* e *sakarẽ*, totalizando 49% de ocorrências na Ca e 43% na Cb. Assim também ocorre com os informantes mais jovens, com 49% na Ca e 37% na Cb. Podemos perceber, pois, que o conhecimento dos quatro termos

em conjunto por cada informante é de 2% a 3%. Vejamos o gráfico 3.

Gráfico 3 - Mapa 22.4 de co-ocorrência total



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

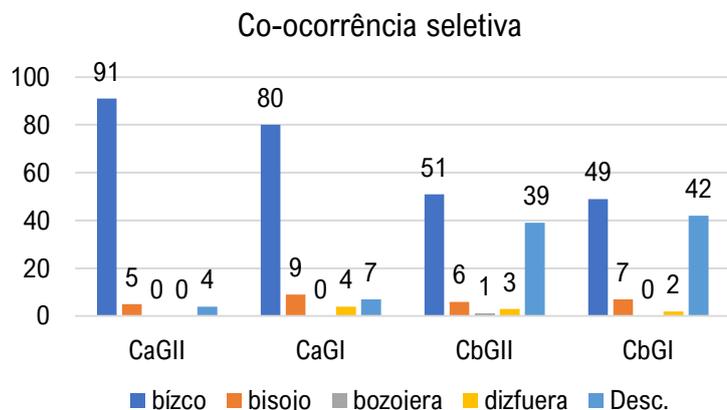
O mapa 22.5 introduz a análise de dados obtidos sobre a recorrência dos termos em castelhano e se inicia com o mapa de co-ocorrência seletiva, em que os dados recolhidos mostraram que os termos mais falados foram: *bízco*, *bisojo*, *bosojera* e *dizfuera*. Porém, observou-se maior reconhecimento da lexia *bízco* nos grupos CaGI e CaGII, com uma porcentagem entre 80% e 91%. Por outro lado, as porcentagens da classe baixa, Cb, está mais dividida entre 51% dos informantes CbGII, que reconhecem a denominação *bízco* e 39% que desconhecem o termo. Já entre os informantes CbGI, 49% sabem a denominação citada e 42% não informaram nada. Vejamos o gráfico 4 (canto superior esquerdo da próxima página).

3.1 Mapa 22.6 de co-ocorrência total (castelhano)

O mapa 22.6, de co-ocorrência total, mostra as 4 denominações mais frequentes em relação ao conhecimento do termo em castelhano. A análise dos dados converge para a palavra *bízco*, com 90% de resposta afirmativa à questão, isso no grupo CaGII, com 84% de



Gráfico 4 - Mapa de co-ocorrência seletiva (castelhano)



Fonte: Dados o ALGR – adaptação e elaboração das autoras.

ocorrências. No grupo CaGI, houve menor incidência para os termos *bízco* e *bisojo*, com uma porcentagem de 5% a 9% entre os grupos mencionados. Por outro lado, nos grupos da Cb, as respostas fornecidas referentes ao termo *bízco* estão mais equilibradas com relação às desconhecidas. Os grupos CbGII, 48%, e CbGI, com 51%, concordaram que conhecem o termo *bízco* e mostraram também uma ausência de respostas entre 40% a 42% em ambos os grupos. Vejamos o gráfico 5

3.2 Mapas 22.7: denominações em português

A palavra *vesgo* tem marcante frequência nas respostas dadas pelos informantes e cartografadas no Atlas. Em Ponta Porã, os jovens de classe baixa a responderam espontaneamente. Porém, jovens e anciãos de classe alta e anciãos de classe baixa só a responderam com sugestão. Em Caarapó, os jovens de ambas as classes conhecem e usam mais essa denominação, já os anciãos a desconhecem. Em Amambai, todos os informantes apenas lembraram do termo após sugestão dada pelos entrevistadores. Dourados e Campo Grande abrigam informantes de classe baixa que desconhecem esse termo, mas os participantes de classe alta fazem uso dele.

Outra denominação estudada pelos pesquisadores é *estrábico*, pouco conhecida nas cinco cidades brasileiras de Mato Grosso do Sul. Em Ponta Porã, Caarapó, Dourados e Campo Grande, os informantes de classe baixa desconhecem tal denominação. Em Amambai, por outro lado, apenas os informantes de classe alta a desconhecem. Outra sugestão de denominação é *zarolho*, porém pouco conhecida nas cidades de Caarapó e Amambai, sendo que os anciãos de classe baixa a desconhecem. Situação diferente ocorre em Ponta Porã, Dourados e Campo Grande, posto que a denominação *zarolho* faz parte do vocabulário dos informantes de classe baixa. Os de classe alta, por sua vez, não a responderam espontaneamente, apenas após sugestão.

4 É TABU LINGUÍSTICO?

Finalmente, considerando um dos objetivos deste artigo, a análise das denominações de cada língua na perspectiva da manifestação de tabus linguísticos, passamos a tecer algumas considerações sobre o tema. Para essa análise, tomamos como base a teoria de Guérios (apud ISQUERDO; NUNES, 2012) segundo sua tipologia dos meios de substituição.

De acordo com as autoras, os tabus linguísticos são classificados como disfêmicos, aquelas palavras de caráter hostil ou com conotação pejorativa que contrariam as palavras eufêmicas, que expressam sutileza. Porém, observamos palavras classificadas como hipocorísticas, unidades lexicais utilizadas para suavizar a conotação expressa na variante. Finalmente, estão as palavras classificadas como expressões genéricas, as quais não evidenciam nem carga semântica positiva nem carga semântica negativa.

A classificação das denominações tabuísticas para nomear a pessoa que tem os olhos tortos/*ohecha mokõiva*, segundo a



tipologia dos meios de substituição de Guérios (1979), pode assim ser descrita:

Hipocorístico	Disfemismo	Expressão genérica	Metáfora
<i>hesavã/hesavi</i>	<i>hesa karẽ/ sakarẽ</i>	<i>visko/bízco /vesgo</i>	-
	<i>zarolho</i>	<i>estrábico</i>	-

Observamos que a palavra *bízco*, em castelhano, provém do étimo latino² *versicus*, derivado de *versus*, “tornar”, gerando consequentemente influência nos termos *vesgo* do português, pela sua relação com o latim, e em *visko*, do guarani, pela herança linguística adquirida pelos colonos europeus. Estes três termos, juntamente com *estrábico*, foram classificados como expressões genéricas, por não evidenciarem nem carga semântica positiva (hipocorístico) nem negativa (disfemismo).

Já os termos léxicos *hesa karẽ*, *sakarẽ* e *zarolho* foram considerados disfemismos por serem expressões de caráter hostil, que provocam constrangimento na pessoa que recebe esse tipo de adjetivo à medida que, nesse contexto, *karẽ* tem conotação pejorativa em guarani, assim como *zarolho* em português. Apenas as unidades lexicais *hesavi/hesavã* foram classificadas como hipocorístico, ou seja, uma forma de suavizar a conotação expressa na variante *hesa karẽ* ou *sakarẽ*, pois a substituição pela variante *hesavi*, (a terminação *avi*) neutraliza a noção de *karẽ* (tordo, desviado, defeituoso).

Desse modo, podemos estabelecer a manifestação de tabus linguísticos nas nomações que se usam para a *pessoa que tem os olhos tortos/ohecha mokõiva* nas línguas, guarani, castelhano e português. Podemos destacar ainda uma questão

semântica e lexical, pela qual as palavras carregam conotações pejorativas ou não.

Olhando para as influências de uma língua em outra e para a proximidade em que essas línguas se encontram, notam-se semelhanças semânticas e léxicas partindo do estudo de Guérios (1979). Fica aqui uma sugestão para seguir outros caminhos de outros autores, como a questão sociocultural de cada região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dois primeiros mapas, 22.1 e 22.2, mostraram a ocorrência das denominações em guarani com base nas classes socioculturais e na idade dos informantes. Notamos a maior recorrência da palavra *hesavã* e *sakarẽ* no território paraguaio, além da palavra *visko*, também muito conhecida nas três regiões (Brasil, Argentina e Paraguai). Pelos mapas fenotípicos, teve-se uma visão geral da ocorrência dessas denominações em guarani, observando-se uma tendência maior das palavras em guarani nas regiões fronteiriças com o Paraguai e o Brasil, mais especificamente no Paraguai.

A palavra *bízco*, em castelhano, foi encontrada com maior ocorrência nas falas dos informantes de classe alta, tanto jovens como anciãos. O mesmo ocorre com *vesgo* e *estrábico* em português, mais recorrentes nos informantes de classe alta. Essa observação chama atenção para quais formas foram tidas como tabus linguísticos. *Vesgo*, *estrábico*, *bízco* e *visko*, das respectivas línguas português, castelhano e guarani, foram consideradas expressões genéricas, ou seja, não exprimem conotação pejorativa. A palavra que exprime um tabu, *zarolho*, por seu turno, é mais recorrente nos informantes de classe baixa.

² A palavra *bízco* provém do latim *versicus*, derivado de *versus* 'vuelto'. A definição de *bízco* no dicionário castelhano é *estrábico*. Outro significado de *bízco* no

dicionário é também dito de alguns membros e de outras coisas torcidas (<https://educalingo.com/pt/dic-es/bizco>).



Desse modo, o presente trabalho nos levou a refletir sobre as semelhanças entre as línguas. Aquelas denominações que apareciam mais recorrentes poderiam ser consideradas muito comuns sem conotação pejorativa. *Bizco* e *vesgo* são palavras muito parecidas na escrita, em parceria com *visko*, derivado do latim, e, conseqüentemente, podem designar a mesma expressão. É interessante notar que a classe baixa e a classe alta reconhecem esses termos, portanto se pode observar sua proliferação entre a sociedade por meio do contato linguístico.

Hesavi, na língua guarani, é a denominação substituta que ameniza a conotação expressa em nomes tabuísticos e foi a menos conhecida por todos os informantes de todas as classes, o que requer um estudo das classes socioculturais baseadas na escolaridade. Provavelmente, mostra-se como uma denominação pouco falada, e por esse motivo poucas pessoas a conhecem, haja vista não haver contato linguístico com *hesavi*.

Assim, é possível ter um melhor entendimento sobre a propagação das denominações tendo em vista sua região, classe sociocultural e idade, abrindo-se um espaço para uma pesquisa mais aprofundada.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. **Plurilinguismo na escola e na sociedade em uma perspectiva macrolinguística**. Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, linha de pesquisa de Sociolinguística, RS, 2017.

AQUINO, Almidio THUN, Harald; DIETRICH, Wolf (Orgs): **Atlas Linguístico Guarani Românico (ALGR)**. Tomo I. Kiel: Westensee, 2009.

GUÉRIOS, Rosário Farâni Mansur. **Tabus Linguísticos**. 2ª ed. São Paulo: Editora Nacional, 1979.

ISQUERDO, Aparecida Negri; NUNES, Juliany. Tabus linguísticos: um estudo no léxico do corpo

humano. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana; PAIM, Marcela (Orgs.). **Documentos 3: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil**. Salvador: Vento Leste, 2012, p. 219-230.

Como citar este artigo (ABNT NBR 60230)

SOUZA, D. P.; MORENO, L. P. Um estudo semântico-lexical da palavra vesgo nas línguas guarani – castelhano – português. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana/MS, n. 4, p. 15-23, 2017.